

## **Iê! Uma roda para lutar**

Prof. Marcos Ribeiro das Neves

Prof. Fernando César Vaghetti

Profa. Beatriz Campos Andrade

EMEF Dom Pedro I

Foi assim, na condição de condenado na terra que fui e que sou, perambulei todos esses anos. Foi assim, num final de tarde, sentado na calçada da rua de casa, com a cabeça cheia de fumaça, aceitei o convite de uma amiga e fui vê-la treinar capoeira dentro da quadra de uma Escola de Samba e logo me apaixonei pelo jogo, luta, dança, brincadeira. Foi assim, que ingressei e logo virei motivo de preocupação para a família. Assim disse meu tio pra minha mãe: “Nossa Salete! O Marcos virou capoeirista, tá andando com negros, fumando maconha, vixe, vai virar ladrão!”. Foi assim que experimentei o discurso preconceituoso e racista dos meus próprios tios... pobres otários!!! Foi assim que vivi em contato com grandes amigos, caminhei por diferentes espaços e depois de oito anos de treino, ingressei na faculdade para cursar Educação Física. Foi assim que me tornei docente e, agora, nesta condição consigo tematizar a capoeira, mesmo que isso não seja condição *sine qua non*<sup>1</sup> para trabalhar na escola. E não é. E assim, na condição de artista vou artistando meu caminho, na minha peculiaridade, na minha malícia, com os meus erros e acertos. Foi assim... Paranauê, paranauê Paraná...

São Paulo. Escola Municipal. Zona Norte. 2013. 1º ano do Ciclo I. Nesta escola, o Projeto Político-pedagógico (PPP) versava sobre a diversidade cultural e a inclusão social. Os professores dos anos iniciais, em seus encontros de formação, decidiram focar o trabalho em cultura indígena e afro-brasileira. Questão multicultural. Povos que continuam na luta. Direitos previstos na Constituição Federal. Direitos que não dependem somente da lei. As políticas afirmativas<sup>2</sup> atuam para valorizar e reconhecer a cultura do negro, do índio, da mulher, do homoafetivo, do umbandista, do estrangeiro (de dentro e de fora), do outro. Aqui começa a história...

---

<sup>1</sup> “Sem o qual não pode ser” em latim.

<sup>2</sup> As leis 10639/03 e 11645/08 que tratam, respectivamente, da inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, são exemplos de políticas afirmativas.

O Gérson<sup>3</sup> é um aluno negro que vez ou outra é mal visto pelos outros. Dizem que ele se veste e cheira mal. O José é um aluno que treina capoeira na igreja. Marcos é um professor que percebe os olhares, os comentários, a distinção, a diferença<sup>4</sup>. No início do ano estudou as brincadeiras indígenas e no 2º semestre escolheu como temáticas a capoeira e o maculelê. Escolheu pelo Gérson, pelo José, escolheu pelos negros, escolheu pela diferença, escolheu pelo PPP, escolheu pela escola, escolheu pelo grupo, escolheu pelos fatos corriqueiros do dia a dia que muitas vezes parecem ser naturais. Apenas parecem.

- Quando a gente pensa em capoeira o que é que vem na mente de vocês?

- Capoeira é luta. Capoeira é dança. Capoeira é uma brincadeira. É uma luta que eu pratico, que meu tio pratica.

Quanta coisa a capoeira pode ser não é? Hoje, a capoeira está na escola, no clube, na rua, na igreja, na academia, no trabalho, no mercado, no consumo. Ontem não estava.

...

Olhos na TV. Roda de capoeira. Então ele pergunta: o que sabemos sobre isso? O que é isso pra vocês? Anota tudo o que os alunos dizem. O registro é feito para pensar o encontro seguinte. Neste encontro ele toca o instrumento da capoeira, em duplas, eles jogam. Jogam do jeito deles, da forma que sabem, tentam imitar o que já viram. O tempo passa e forma-se uma grande roda onde cada um pode demonstrar o que sabe sobre capoeira. Cada um que entra na roda faz alguma coisa e o professor pergunta o que é isso. Aos poucos, neste momento de partilha, percebe-se o que eles ainda não sabem: os nomes das coisas. “Sabiam fazer, mas não sabiam o nome daquilo”.

Conversando com eles sobre o que eram esses movimentos com o corpo, um deles, que pratica na igreja e que seu tio é capoeirista, respondeu: “é a ginga!” Ele foi ao centro e demonstrou para a turma o que era a ginga. A partir deste movimento nomearam outro: a estrelinha. Assim, os golpes de capoeira foram aparecendo como um primeiro passo desta caminhada. Antes de se despedir da turma, o professor lança uma pergunta:

- O que vocês sabem sobre escravidão? O que é escravidão?

---

<sup>3</sup> Os alunos são referenciados por nomes fictícios.

<sup>4</sup> Diferença: conceito que passou a ganhar importância na teorização educacional crítica a partir da emergência da chamada “política de identidade” e dos movimentos multiculturalistas. Neste contexto, refere-se às diferenças culturais entre os diversos grupos sociais, definidos em termos de divisões tais como classe, raça, etnia, gênero, sexualidade e nacionalidade. Em algumas das perspectivas multiculturalistas, a diferença cultural é simplesmente tomada como um dado da vida social que deve ser respeitado. Nas perspectivas teóricas pós-estruturalistas, a diferença, entretanto, é um *processo* social estreitamente vinculado à significação. Neste texto, compreendemos diferença enquanto processo social vinculado à significação. (Teoria Cultural e Educação: um vocabulário crítico, Silva, T. T., editora Autêntica, Belo Horizonte, 2000)

Não tinha acontecido nada além do que já foi contado. Ninguém havia falado sobre isso. Capoeira e Escravidão já estiveram na mesma roda. O professor solta o cordão para ver que nó vai dar. Foram pra casa, martelando na cabeça a questão. Encontraram respostas e voltaram.

- Minha mãe falou que é um povo comandando o outro.

- É o povo branco em cima do povo negro.

Olhos para o mapa-múndi na parede. Lá identificaram o Brasil, a África e a Europa. Por meio dos estudos das brincadeiras indígenas já haviam aprendido que, no Brasil, os primeiros habitantes foram os índios. Identificaram também que, na África, foram os negros. Na Europa, não souberam responder.

A partir de uma das histórias que se conta, disse ao grupo: “Hoje, temos uma população misturada, mas para entender o que iremos discutir futuramente considerem que na Europa, primeiramente, habitou o povo branco. O povo europeu veio ao Brasil em busca de minérios e riquezas naturais. Eles precisavam explorar esses materiais para levar embora. Quando chegaram aqui encontraram os índios, um povo difícil de se deixar manipular. O europeu volta para sua terra e repensa a estratégia. Sequestra o povo africano para trazê-lo ao Brasil, a fim de obrigá-lo a trabalhar. Chegaram inicialmente a Salvador e ao Rio de Janeiro. Aos poucos, no decorrer dos estudos, vamos entender que a capoeira foi criada no Brasil pelos africanos, como uma necessidade de defesa em relação ao povo branco naquela época. Naquela época, quando os negros chegaram aqui, havia escravidão. A gente está estudando uma prática, a capoeira, que nasce no contexto de escravidão”.

Perguntaram como os negros chegaram aqui. Ele disse que eles vinham em grandes barcos, grandes navios. Ele ficou pensando em como explicar essa trajetória, pois essa viagem não foi agradável. Foi obrigatória. Lembrou-se de cenas do filme “Amistad”<sup>5</sup> e foi para casa com um mapa de possibilidades e esse nó para desatar.

...

Olhos na TV. O mesmo vídeo: a roda de capoeira. Assistiram e foram para a roda jogar. De repente, o José faz a roda parar:

- Professor! Tem alguma coisa na roda.

Pararam para ouvir.

---

<sup>5</sup> “Amistad” é um filme estadunidense produzido por Steven Spielberg em 1998. Na trama, um grupo de escravos se liberta das correntes que os prendiam nos porões do navio negreiro “La Amistad” e sonham em voltar para a África. Como desconhecem navegação, são obrigados a confiar em dois sobreviventes da tripulação.

- O quê que é?
- Na capoeira tem uma coisa que se chama iê.
- Explica pra gente, o que é esse iê?
- Iê é pra parar a roda e pra sair os dois capoeiristas.

Voltaram ao jogo. O professor leva novamente o José para o centro. O menino fala sobre a graduação, explicando que no grupo em que ele treina, a graduação fica na cintura, é uma corda de cor cinza. José, neste momento, também ensina. Os alunos com a ajuda do professor reconhecem que lá no vídeo os capoeiristas usam roupa branca e corda na cintura, de forma semelhante às informações que o José trazia. O professor continua problematizando:

- Para que serve o cordão? Por que é da cor cinza?

Os alunos não têm certeza da resposta e alguns se arriscam dizendo que serve para prender a calça.

Marcos volta ao centro explicando a graduação e comparando o cordão às correntes que serviam para prender os escravos. Para alguns grupos de capoeira, as cordas e suas cores têm significados e relação com o grau da capoeira que a pessoa está. Nem sempre foi assim. O José está no nível cinza. Em alguns grupos as cores têm relação com os orixás. Provavelmente, no grupo do José, a cor cinza remete a esta questão do negro com a escravidão, pois nesta época, eles trabalhavam acorrentados, nos pés, no pescoço. Os alunos não entendiam porque e o professor tentando esclarecer disse: “para não fugir. Se ficassem libertos, fugiriam”.

E fugiriam para onde?

...

Voltaram a pensar sobre o que viam naquela roda. Aquele mesmo vídeo. Olhos na TV. O que mais sobre a história da capoeira poderiam encontrar naquelas imagens?

- Olha a música da capoeira! A letra.

Escutaram a música, prestaram atenção na letra e começaram a conversar sobre o que ela dizia. Na aula seguinte o professor trouxe um CD com diferentes músicas de capoeira e, ao ouvi-las, foram debatendo os assuntos que uma música poderia abordar. Ele perguntou ao grupo sobre qual estilo de música ouviam e sobre o que falavam essas músicas. Um aluno disse que gostava de samba e que samba falava de amor. Ele disse que a música de capoeira também pode falar de amor, assim como também, falar da história do negro. Ouviram as

diferentes músicas e foram percebendo que elas poderiam falar da história do negro na sociedade, do Mestre Bimba e de outras coisas também.

- Vocês sabem que tipo de capoeira estamos treinando? E aquela roupa branca, vocês sabem por que é assim?

- Não. Estamos fazendo capoeira.

O professor explicou que as características da capoeira que haviam aparecido até o momento eram da capoeira regional. Os alunos não sabiam disso. Ele volta ao vídeo “Mestre Bimba, capoeira iluminada” e apresenta duas questões: a) Por que eles usam aquela roupa? b) Por que só tem um instrumento? Era somente nisso que os alunos deveriam prestar atenção.

- Quem toca o berimbau na roda?

- O capoeirista.

- Qualquer um?

- Qualquer um.

- Não gente. Vamos olhar de novo na roda de capoeira.

Olhos na TV. Vídeo da roda. Mestre Bimba. A pergunta permanecia: quem estava tocando o berimbau? Ele escolhe essa questão porque entende que o berimbau é o instrumento que “manda” na roda e que o capoeirista deve saber ouvi-lo com mais clareza para jogar. Ele explica que geralmente o berimbau é tocado pelo capoeirista mais velho da roda e a partir do que ele toca, o grupo joga, sem explicações. Apenas música e movimento. As vivências estão acontecendo desta maneira. No encontro seguinte, antes da roda começar, ele mostrou o abadá, que é a vestimenta completa: a calça e a camiseta, que normalmente tem o nome do grupo, e o cordão.



...

Paranauê, paranauê, Paraná...

A roda está pronta para jogar

Todo mundo entra

Não espera o outro parar

Os meninos são melhores

Alguns estão a falar

O conflito surge para provocar

Meninos e meninas querem disputar

O professor para pra pensar

O que acontece fora

Na roda vem se manifestar

Um aluno fez uma letra de música com a ajuda da mãe. O professor começou ensinar a tocar os instrumentos. Em uma roda de ensino ele conta sobre as origens africanas dos instrumentos que fazem parte da capoeira. Fala da relação da música com a capoeira e como ela era utilizada para sobrevivência. Como prática proibida na época, os praticantes fingiam dançar ou participar de algum culto religioso, ao invés de praticar uma luta. Depois de explicar sobre a forma dos instrumentos e os toques da capoeira, os alunos se dividiram em filas para tocar os instrumentos conforme o interesse. Atabaque, pandeiro e berimbau: ding, dum, dum... ding, dum, dum...



...

Olhos na TV. Entrada e saída de roda.

- Quando a gente vê pessoas na rua fazendo estes movimentos a gente sabe que é capoeira, certo? Quais são os movimentos que a gente identifica como a prática?

Ele, tentando buscar dos alunos outros conhecimentos a respeito da capoeira, começa a detalhar suas perguntas: “Lá na capoeira existem movimentos que são formas de ataque ao outro, como eles se defendem? Que movimentos fazem? Alguém sabe o nome?” Somente aquele que treina responde: “a esquivada”. A esquivada é um movimento que fazemos com o corpo para se defender. Ele vai ao centro e demonstra os movimentos chamados de cocorinha e esquivada lateral. Abre a roda e começa o jogo.



Paranauê, Paraná

Iê! Para a roda que eu vou entrar

Ginga, estrelinha, berimbau a tocar

Iê! Abre a roda para outro jogar

Roupa branca, cordão cinza

Esquiva, cocorinha

Defender e atacar

Iê! Paranauê, Paraná

Atabaque e pandeiro

Um menino e uma menina escolhidos para tocar

Uma nova roda a se formar

Um novo jogo a se jogar

Iê! Paranauê, Paraná

Olhos na roda. Na roda inventada pelos alunos, Marcos tenta compreender como se dá a democratização daquele espaço. O menino toca o pandeiro, a menina, o atabaque e quando começa o jogo ele percebe que os meninos começam a dominar a roda e mesmo quando as meninas colocam a mão tentando parar para entrar, não conseguem. Ele conversa com a estagiária<sup>6</sup> para que perceba o fato e, diante da situação pergunta o que poderia ser feito. Eles continuam jogando.

Iê! Fim da roda. Ela também problematiza:

- Como foi a participação de todos na roda? Todo mundo conseguiu jogar? E quando foram as meninas?

- Vocês não deixaram a gente jogar.

- Não deixamos porque somos melhores.

No debate, falaram das “condições” pessoais necessárias para jogar a capoeira.

- Então como podemos resolver esse problema? Como fazer uma roda de capoeira em que todos possamos jogar?

---

<sup>6</sup> A universitária cursa Licenciatura em Educação Física e acompanhou as aulas do Professor Marcos.

- Jogam primeiro os meninos e depois as meninas.

A cultura masculina e dos mais habilidosos invadiu a roda e Marcos leva para casa este nó para tentar desatar.

“Organizei a aula para trabalhar com eles a entrada e saída de roda pelo pé do berimbau. Iniciei explicando que existem duas formas de entrar na roda e no jogo de capoeira. Uma, comprando o jogo: quando o capoeirista estica o braço no meio dos outros dois jogadores que estão na roda e tira um deles. A outra é saindo do “pé do berimbau”: quando inicia o jogo na roda, dois capoeiristas esperam o canto e quando se responde ao coro da música, sai pra jogar. Aí fomos pra vivência, deixei atabaque e um berimbau e eles organizaram a roda.”

Durante a vivência, Marcos percebeu que na saída do “pé do berimbau” as meninas tinham mais chances de jogar, pois com a entrada “comprada”, os meninos dominam a roda, impedindo a participação das meninas. O professor não regula a forma de participação dos alunos para forçar a igualdade de oportunidades. Oferece possibilidades para que o grupo trace outros caminhos e outras formas de jogar. Ele não desata o nó. Ele dá corda para afrouxar o nó.

...

Olhos na TV. Capoeira: regional, benguela, angola, yuna. Nesta aula, o professor explica as características de cada estilo de capoeira: toque de angola (ladainha e toque, jogo lento), regional e toque de benguela (palmas, toque e canto, jogo no ritmo médio) e yuna (toque e palma, jogo de professores e mestres). Registraram todas as palavras que se referem ao universo da capoeira e que aprenderam até o momento. A cada registro uma conversa sobre os significados das palavras.

Capoeira, abadá, caxixi, berimbau, cabaça, ginga, benção, armada, meia lua de frente, rasteira, queixada, martelo, escravidão...

...

*“Já vi seu Bimba, Pastinha e Aberrê, Valdemar do Pero Vaz e Popo do Maculéle”*

(Música: “Minha Bahia”)

Marcos inicia a aula cantando uma música de capoeira.

- Vocês sabem o que é maculelê?

- É um capoeirista.

Olhos na TV. Maculelê.

- Maculelê: macua (tribo africana) e lele (pau).

Olhos na TV. Documentário: “A verdadeira origem do maculelê”. O vídeo conta a origem da dança e do Mestre Popó, seu criador. Após assistir, os alunos conhecem a “Grima” (pau do maculelê) trazida pelo Marcos. Ficou combinado de trazerem um artefato parecido (cabo de vassoura cortado) na aula seguinte para iniciarem a vivência.

...

Sou eu

Sou eu

Sou eu maculelê, sou eu...

Vamos todos alegrar a nossa nação brasileira,

Salve Zumbi dos Palmares ora meu Deus,

Quem nos livrou do cativo.

“Fui tocando o atabaque e eles acompanhando o ritmo no canto e na batida na mesa. No final, ainda problematizei um pedaço da letra que cita Zumbi.”

- Quem sabe quem foi Zumbi?

- Ahhhh, um capoeirista disse um estudante.

Levaram pra casa.

Dez grimas apareceram. Na sala de aula, uma roda se formou. Todos no chão, uns ficaram com a grima e outros reproduziram o som do atabaque com a boca. Olhos na lousa.

Ta Ta

Tum Tum tá

Tum Tum

E neste dia batemos a marcação do ritmo na boca e na grima. E continuaram a tocar, a cantar, a dançar, a jogar, a lutar...

...

Quem foi Zumbi? O que é maculelê?

Muitas perguntas para responder.

Olhos na TV

Roda de maculelê.

Passos de dança a acontecer.

Olhos na TV.

Zumbi vem esclarecer.

História do escravo, Palmares e morte.

Luta e dança para permanecer.

Vinte de novembro para marcar.

Um negro que foi para outro lugar...

Vivências, vivências, vivências...

Outras histórias para contar

E o Gérson?

Encontraram outro lugar para ele morar.

Talvez um outro tipo de prisão.

A história dele e de outros não termina aqui.

São muitos cordões e nós para desatar.

...Fim...